

RENAUD BARBARAS EM COIMBRA

Seminário Internacional “Corpo, Sentimento e Vida.
Em torno da obra de Renaud Barbaras”

1.

Uma *Filosofia viva*, um *Pensamento vivo*: expressões como essas traduzem bem alguns daqueles momentos em que temos a felicidade de partilhar a palavra de um *filósofo*, “o homem que desperta e fala”, como nos diz Merleau-Ponty. Um de tais momentos felizes foi recentemente partilhado pela comunidade acadêmica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, bem como por muitos visitantes vindos de outras partes do país e do exterior, com a visita do conhecido filósofo francês Renaud Barbaras. Ao longo dos dois memoráveis dias do seminário “Corpo, sentimento e vida”, que decorreu nos dias 16 e 17 de outubro de 2017, e que foi justamente dedicado ao trabalho do fenomenólogo francês, foram igualmente duas as aulas magistrais que tornaram esta ocasião inolvidável. Nas exposições do filósofo francês, ao longo do seminário – exposições claras de um projeto fenomenológico original se prolongaram na seriedade de uma constante autocrítica, capaz de atualizar e desenvolver o que ainda não foi pensado –, *sentimos* vivamente as palavras de Merleau-Ponty sobre o trabalho da fenomenologia, do seu “andar incoativo” e da sua “tarefa de revelar o mistério do mundo”. O que presenciámos, no entanto, foi bem mais: as propostas de um pensador original e vigoroso, que retoma a tradição fenomenológica de forma crítica para esboçar uma *fenomenologia da vida* alinhada com uma invulgar “cosmologia” tripartida: do mundo como fundo, potência, natureza; do mundo como a realização da potência, isto é, o ente; do mundo como o rastro, ou sedimento da multiplicidade, em outras palavras, como totalidade (*sempre em ausência*).

O que se pode constatar é que já não estamos apenas diante do autor de *De l'être du phénomène* (1991) ou de *Le tournant de l'expérience*; não foi já

apenas o comentador inovador de Merleau-Ponty que se escutou em Coimbra, mas um autor original que procura explorar os impensados da empresa fenomenológica de modo radical e novo. É neste contexto que chama a atenção o projeto barbarasiano de uma *fenomenologia da vida*. Tomando como ponto de partida o *a priori* universal da correlação do ente transcendente e a diversidade de suas aparições subjetivas, isto é, basicamente, a relação intrínseca da consciência com o mundo (que aparece a ela enquanto fenômeno), Barbaras elabora uma exaustiva crítica à tradição filosófica, notadamente aquela de viés fenomenológico que, segundo o filósofo, teria falhado na apreensão exata dessa correlação. Mais precisamente, não teria dado conta do *sentido de ser* do sujeito dessa correlação. Mesmo filósofos como Merleau-Ponty e Patočka (que, para Barbaras, mais se teriam aproximado de tal compreensão) não teriam sido capazes de, ao fim e ao cabo, se verem livres de algum traço de substancialização (ao modo herdado da tradição cartesiana) ou reificação desse sujeito. Segundo o filósofo, a única maneira de evitar tais aporias será partir da própria correlação, para só então poder definir os seus termos. Em seus textos recentes, como *Introduction à une phénoménologie de la vie* (2008), ou *Introduction à la philosophie de Husserl* (2008), vimos emergir um caminho filosófico em que a construção de uma *fenomenologia da vida* tem como afirmação basilar a ideia de que o *ser é viver*, no sentido de “estar vivo”, de “experienciar algo”. E viver é questão de um “automovimento” – o que faz com que o *ser viva* – que apenas o *desejo* pode caracterizar. A dinâmica entre *ser* e mundo proposta pela *fenomenologia da vida* de Barbaras amplia o horizonte da Fenomenologia tradicional, pois descobre em qualquer movimento um processo de fenomenalização. Dito de outro modo, nela o *ser* existe como movimento e “não existe movimento que não seja, de algum modo, um movimento de *aparecer*”¹.

2.

Cada um dos dias do Seminário Internacional “Corpo, Sentimento e Vida. Em torno da Obra de Renaud Barbaras” organizou-se do seguinte modo: comunicação de Renaud Barbaras, seguida de discussão iniciada com apresentações, comentários ou questões sistematizadas por parte de especialistas da obra barbarasiana. Nestes termos, conduziram as sessões Luís António Umbelino (UC), Paula Galhardo (UFSP/U.Panthéon-Sorbonne), Antonio Balbino (UESC) e José Manuel Beato (UC). É importante registrar a grande quantidade de presentes às duas sessões do seminário: docentes, in-

¹ R. Barbaras, “Dinâmica da manifestação”, in *Cadernos Espinosanos*, São Paulo: USP, n. XXVII, jul-dez, 2012, 11-29.

investigadores e alunos encheram ao longo dos dois dias a sala Victor de Matos e o Anf.III. Durante a tarde do primeiro dia, merece igualmente notícia a sessão de apresentação do último livro de R. Barbaras: *Le désir et le monde*. A apresentação esteve a cargo de Paula Galhardo e de Luís António Umbelino. À primeira coube uma apresentação detalhada da novel publicação; o segundo dedicou a sua intervenção a uma contextualização do referido livro no conjunto da obra recente de Barbaras.

Durante os dois dias de seminário, R. Barbaras apresentou duas comunicações originais: a primeira retomou os pontos mais originais do seu projeto de uma fenomenologia da vida; o segundo surpreendeu o leitor atento e competente da sua obra com a introdução de uma nova inflexão em que se propõe “criticar” o que fez até agora e avançar pelas zonas de impensado que o próprio filósofo diagnosticou na sua obra. Assim, o seminário de Coimbra serviu – o que não é pouco – para os estudiosos de Barbaras contactarem com os desdobramentos mais recentes e, até ao momento, inéditos do seu pensamento, tal como são anunciados mas não ainda concretizados em algumas intuições de, por exemplo, *Métaphysique du sentiment* (2016) e *Le désir et le monde*. Interessou-nos, neste contexto, em particular, as razões filosóficas que conduzem já R. Barbaras na exploração do alcance “metafísico” da poesia, mas também e fundamentalmente o modo como pretende recolocar no centro do seu projeto as noções de espaço e de corpo.

Intitulada de *Univocidade e finitude*, a primeira exposição não poderia deixar de ser um exercício fenomenológico rigoroso. Nela o filósofo retomou o seu percurso na via de uma fenomenologia dinâmica *da vida como desejo*. Na segunda aula do filósofo pudemos escutar uma lição elegante e extremamente original, na qual R. Barbaras apontou pela primeira vez – e logo em língua portuguesa – o que, no seu projeto até ao momento, chama ainda a pensar: a necessidade de uma remediação (de um regresso?) aos conceitos de corpo e espaço. Com o título *O pertencimento. Para uma ontologia geográfica*, o filósofo tratou de proceder a uma crítica necessária das próprias lacunas dos seus trabalhos anteriores, sugerindo que trabalha já num novo recomeço capaz de libertar o que apenas através dos conceitos de espaço e corpo pode, efetivamente, no próprio coração do seu projeto, ser realmente pensado.

Mas, nomeadamente em relação ao corpo, o que falta ainda estudar? Eis a resposta: o corpo como *pertencimento*. A tese que abrirá um novo capítulo da obra de Barbaras poderia, neste sentido, ser assim formulada: ter corpo não significa nada mais do que pertencer; o pertencimento define o modo de ser do corpo, ou seja, não é por termos um corpo que pertencemos ao mundo, mas antes é por pertencemos ao mundo que temos um corpo. Como é próprio do trabalho filosófico, o conteúdo desta aula foi centrado na exposição das consequências dessa nova forma de abordar o problema do corpo.

3.

O encerramento de um grande acontecimento, como foi o da visita a Coimbra de Renaud Barbaras, reclamaria sempre reconhecimento institucional. Neste sentido, o Seminário Internacional “Corpo, Sentimento e Vida. Em torno da obra de Renaud Barbaras” contou, para o seu encerramento, com a presença generosa do Sr. Diretor da Faculdade de Letras, Sr. Prof. Doutor José Pedro Paiva. Assim se selou o encontro feliz entre a mais antiga Universidade portuguesa, hoje classificada como Património da Humanidade também por ser *a casa* da língua e cultura portuguesas, e um dos pensadores contemporâneos mais importantes, que escreve e fala – como conhecedor profundo – a língua de Camões.

Neste encontro feliz, que reforça a ideia de que a língua portuguesa é, de direito, uma língua de ciência, de saber, de filosofia, se encerrou um momento seguramente inolvidável da história recente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e da sua secção de Filosofia.

Antonio B. M. Lima

Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil
Doutorando Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra
abmlima@uesc.br